

## XICO CHAVES\*

### Blocos de viagem de 2004, ponto infinito e uns fragmentos de 86

Amazonas, poema de água vaza floresta afora. Vai, lentamente, cheio de lendas, envolto na espuma verde da floresta que resta. Ainda imensa e misteriosa, deixa avistar da janela deste boing aldeias e sinuosas trilhas que levam a retilíneas estradas finas e negras. Por ali se vê passar um minúsculo automóvel solitário com destino ignorado. Ignora-se este mundo onde Nunes Pereira ouviu histórias fantásticas e as contou em Moronguetá, um decamerón indígena. Tribos que nasceram e viveram sem orifícios, cotias virando gente, piranhas transmutadas em pássaros, pássaros voando para o sol. Heróis que não se tornaram popstars da TV e das histórias de animação, como poromina-minare, o terror da selva, o camaleão do nosso imaginário. Há que se ler estas lendas todas, recolhidas por religiosos das missões salesianas nas regiões do uaupés e margens do rio Negro, para se ver que ali ainda dormem muitos dos nossos maiores poemas, contados com dramaticidade, em rodas de muita gente. Em línguas extintas eram mais fantásticos e apenas o som destas fonéticas seriam capazes de nos seduzir, sem mesmo sabermos o que está sendo contado. O que é tradição oral para nós já é pura poesia.

Lá, onde não há fronteira entre realidade e fantasia, invenção humana e natureza. Onde a ignorância colonizadora chegou de automóvel derrubando templos milenares de árvores e rochas, cachoeiras cristalinas, ocas, tabas, mitos, etnias, festas, memórias.

Em frente à casa africana de manaus, agora uma lanchonete, sentado em uma cadeira de vime, a sombra de um homem alto e sorridente ainda toma solitariamente sua cerveja, aguardando a presa manauara de rosto largo e moreno, baixa estatura, corpo bem feito, bunda redonda. Sobre chão xadrez de azulejos hidráulicos, seus enormes sapatos acompanham o ritmo do carimbó. No bolso, um bastão de guaraná e uma língua de pirarucu seca, para lixá-lo e produzir o pó. O gigante veio de longe para aventurar a vida como escrivão e deixar ali mais uma dezena de romances passageiros. Um dia, voltou contando o caso de uma sucuriçu de 40 metros que se enrolou em uma cadeia e libertou todos os presos, mas chegou a engolir o delegado de plantão. Trouxe ainda umas ervas para infusão e cura de bebedeira, sabonetes de óleo de tartaruga, balas de cupuaçu, arco bem feito de madeira preta e flexas de taboca com penas de arara e

---

\* Poeta, ensaísta, artista plástico.  
Autor de *Da Paulicéia à Centopéia*  
*Desvairada*. RJ: Elo, 1999.

mutum. Uma preciosidade. Trouxe ainda uns colares de sementes e dentes de macaco, um couro curtido de onça pintada, uma navalha inglesa e uma traquitana de coisas exóticas para impressionar a rapaziada, a esposa, os filhos e a mulherada do baixo meretrício. No meio destas coisas todas vieram, ainda, Cobra Norato, de Raul Bop, e um infindável rosário de histórias fantásticas para serem contadas em casa e nos botecos de Minas Gerais.

O poema que se tece se contorce agora no cerrado tosco e se incrusta nas fissuras das pedras tapiocangas, se refrata nos cristais do chão de cascalho, rasteja por entre o capim-manteiga e se aloja no ninho dos guaxos estridentes, pendurados como sacos de gravetos num galho de uma árvore cascuda e retorcida. Voa para a linha do horizonte, onde a cidade de concreto e vidro reflete o ocaso do sol e suas cores. Ávida, lhe consome a alma e estende seu corpo nas avenidas, superquadras, blocos, praças, monumentos. No vértice, na linha de fronteira entre a geometria sensível e a abstrata, nenhum sintoma de emoção, nenhum abalo sísmico nos lábios, lágrima nenhuma. Mas sensual e movediça, se esquiva entre os raros transeuntes e procura na sombra de alguém a carcaça de seu corpo. Corrói-se, se enferruja. Busca alinhavar-se entre a poeira onde dormem as sementes e as raízes secas aguardando a chuva. Os rodaminhos vermelhos tornados transparentes a levam a esmo pelo espaço azul. É ainda um camaleão entre as areias brancas de quartzo. Procura um coração esconderijo para tatuar seu descompasso, uma página em branco para riscar um rumo. Manaus ficou lá, entre Minas e Goiás, virando geometria. Sem tantos pássaros. Sem tantas águas. Com menos versos.

Terezina, sim, transbordou-se em estrofes repentistas de quadrões e martelo-agalopados, acompanhados pela rabeca de um cego anônimo e a viola de um poeta itinerante. Foi no meio do mafuá multicolorido da feira popular, entre relógios digitais, calcinhas de microfibra, balaios, raízes, temperos, lamparinas. Por entre as redes de algodão cru entrecruzando barracas, galhos de árvores e postes, umas crianças choram e chamam pelas mães, que foram ganhar a vida no tumulto, vendendo raízes, bijuterias, frutas de palha, cabeções de madeira e farinha d'água. Enormes cajus carnudos e perfumados, coloral, pimenta moída, perfume barato, lenços, rendas, sapatos de couro de bode, trancelins, aratacas, garrafadas, chocalhos, tambores, sinetes e correntinhas de ouro com medalhinhas de Nossa Senhora da Conceição. Alguns passos além, atravessando uma rua cheia de carros estacionados, uma praça vazia e um letreiro: Teatro Torquato Neto. Silêncio. Let's Play That Pra Dizer Adeus. Cajuína para lavar a alma de todos os poetas do mundo. Ali, onde o rio Parnaíba se encontra com o rio Poti, onde as sardinhas de água doce fervem sob a água e comem até tomate. A poucos metros de uma ilha de areia, onde houve uma festa com o afoxé coisa de preto e uns grupos de hip-hop. O fogo saía de buracos no chão e de tochas vermelhas sob a luz da lua.

Macalé, que passou por lá tempos depois, contou que não se lembra exatamente como foi sua volta ao Rio de Janeiro. Mas quis relatar algumas passagens suas do final dos anos 70. Hélio Oiticica e Lygia Klark ainda estavam vivos. Disse ter sido encontrado na praia de Ipanema, num sábado de verão, trajando cuecas pretas com bolinhas vermelhas, empunhando em uma das mãos um enorme facão e, na outra, a espada que

pertenceu a seu pai, que fora oficial da marinha. Dizia que a hipocrisia estava se instalando na cultura brasileira e que alguém teria que tomar uma providência urgente. Era necessário cortar pela raiz a praga, antes que uma avalanche de mediocridades se abatesse sobre todos como uma gigantesca onda. Ninguém quis lhe dar atenção e passou assim uma semana sem dormir, andando entre o Arpoador e o final do Leblon. Foi levado para a casa de Lygia, que lhe acolheu e lhe deu para descansar a cabeça uns travesseirinhos cheios de bolinhas de isopor, uns sacos plásticos cheios de ar e uma janela para olhar Copacabana. Do alto pode ver o mar, os travestis, as meninas de programa, os turistas indo para a praia, os transeuntes normais que trabalham normalmente em seus empregos, o jornalista, a balconista, o motoboy, a manicure, o apontador de jogo do bicho, o guarda, o camelô e aquele cara que trabalha na farmácia, famoso por usar dezenas de correntes e colares no pescoço. Olhou para seus pés e percebeu que usava umas meias compridas do Flamengo. Saiu de volta para casa, onde ficou 15 dias sem pronunciar uma palavra.

Se não há nada de extraordinário nesta história, é para ser assim mesmo. Nem todo poema exige uma idéia nova também. Nas entrelinhas, talvez. Há sempre um código oculto entre as palavras, ou entre vírgulas. É como descobrir entre duas enormes pedras uma pequena, que parece sustentá-las. Mas pode acontecer que, ao retirá-la, o equilíbrio não se altere. Permanece tudo igual, apenas sem a pequena pedra, que nem era muito especial, mas que foi parar na estante de alguém, como uma pedra a mais de uma coleção a mais de pedras. No entanto, o colecionador vai sempre se lembrar que aquela pedrinha estava entre duas

grandes pedras e que elas não se moveram quando foi retirada. Vai se lembrar do lugar, da paisagem, de uma cena interessante que aconteceu naquele dia. E mesmo que tenha sido uma cena sem importância numa paisagem comum, vai sempre haver aquele lugar na memória, aquele dia que justifica a existência de uma pedra a mais na coleção. A palavra no verso não é a mesma coisa. Talvez a vírgula tenha mais a ver com esta pedra. Ou um vazio entre uma linha e outra, entre uma palavra e outra, entre uma entrelinha e outra, em uma reflexão repentina num verso lugar-comum, ocorrida por um acaso. Como um pingo d'água num capô de um carro... a queda de uma cinza de cigarro.

Guardiões era o nome que Bené batizava aquelas enormes pedras rosadas da Chapada dos Guimarães. Realmente, pareciam grandes esculturas feitas pelo tempo. Algumas até lembram as grandes figuras da Ilha de Páscoa. Soube ainda que o Luizão levou até lá um grupo de estudantes de arte e os induziu a enterrar no chão de cascalho suas carteiras de identidade. Enterrou também a sua. Deixaram por lá mesmo e voltaram para Cuiabá, onde Gervane construiu, com outro grupo, um grande tamanduá de madeira para que entrassem dentro.

De madrugada, levaram o bicho para o campus universitário. Quando o dia amanheceu, o grupo foi saindo de dentro e começou a recolher formigas e guardá-las dentro de potes de vidro. As formigas foram levadas à tarde para a floresta e soltas perto de uma cachoeira. Voltaram e destruíram o cavalo ao som de violas de cocho, tambores e maracas. Sob o sol escaldante de Cuiabá, estes acontecimentos ficaram na memória de alguns, para serem esquecidos em baldes de gelo, na sombra das mangueiras de Aline

Figueiredo. As mangas destas mangueiras são incríveis. Pequenas, amarelas e sensuais, lembram, de uma só vez, os sexos masculino e feminino. Essas mangas são incríveis e saborosas.

fio d'água na montanha/ sobre a pedra tece o véu/ que reflete a ponte/ entre terra e céu / reflete o sol e só/ vai se encontrar/ com outro só/ que nuvens brancas trouxeram/ sobre as verdes copas/ e que em pingos de cristal/ penetraram a terra

um rio nasce assim/ aos poucos/ de pequenas leves névoas/ ( das chuvas, do orvalho, dos serenos)/ sobre a sólida pedra/que sinaliza as travessias/ e lentamente molha a vida/ que se oculta nos solos/ encharcados, úmidos, secos/ até areias e desertos

algumas mãos cravaram as raízes/ à procura de cristais pequenos/ certamente encontraram/ a umidade que verteu das nuvens/ sobre um corpo antigo e profundo/ que sem água não brotaria/ da semente.

tão linda aquela imagem de mulher/ dentro e fora do tronco/ e das raízes que afloram/ e deixam claro que a árvore/ é tão imensa para cima/ quanto para o interior da terra

depois, os finos fios d'água/ sobre a rocha/ e os outros/ captados pela flora/ reunidos/ formam riachos, raízes líquidas que brotam/ espontaneamente/ sob as pedras/ as folhas secas/ as samambaias, os espinheiros, os musgos/ a trama da ramagem esverdeada

aquela imagem / se fundindo com as folhas/

pés descalços/ apalpando caminhos/ trilhas desfeitas/ atalhos de muitas pegadas/ para encontrar o pouso certo/ no meio da mata/ iluminada

aos poucos o ruído das cascatas/ decanta músicas misturadas/ que o tempo construiu/ num templo sagrado/ para mostrar os seus espelhos/ matar a sede e lavar a alma

do corpo fatigado no percurso/ cheio de guardiões e pássaros/ flores raras e surpresas/ espinhos e cruezas/ (a natureza ensina ao agulhar os pés e esfolar a pele)

surge imenso tronco/ enraizado sobre grandes pedras/ trono perfeito para deuses invisíveis/ que nos guiam pela vida afora/ os mesmos que incorporamos no silêncio/ que a intimidade com as plantas/ resgata de um mundo primitivo e cósmico/ (similar ao mundo das crianças)

o cetro deste rei é a forquilha/ de um galho bem alto/ da árvore mais alta/ aquela que é buquê na sua primavera/ e/ em seu verão, raiz aérea

por detrás do tronco e da muralha/ de repente o canto e o ruído se revelam/ em chuviscos brancos sobre as rochas cinzas/ espirros , corredeiras, rodamosinhos

caminhos rápidos, líquido frio/ cristal opaco a desfazer-se em fios/ jatos translúcidos de luz/ refratada em pingos de arco-iris/ pequenos rios/ poços claros verde-azulados/ onde os corpos mergulham/ e se deliciam/ no fluido vivo cheio de arrepios/ os cabelos na água se enraízam/ e os corpos nus/ as samambaias acariciam

os líquidos quentes do corpo/ brotam em milhares de cores/ que só os amores propiciam/ ao se fundirem com as sinfonias/ que o vento e as águas criam/ junto com as cigarras, os gravetos/ as sementes, areias, micas/ borboletas, besouros, fantasias.

maior presente não existe/ na mão da floresta/ a água alivia/ revela o desenho/ nas linhas da palma/ onde está o destino/ de futuro escrito/ onde o grito de prazer anuncia/ que a coroa de ouro é tão bonita/ quanto a folha de palmeira / que irradia/ sua aura/ sobre a cabeça, vivo cocar de índia/ ressurgida dos arranha-céus de vidro/ por entre a malha da floresta/ que resiste ainda

essas águas de energia/ fecundam/ em seu caminho/ (entre rochas escorregadias/ quedas e tranquilos poços transparentes/ seguidos de abruptas cascatas/ e saltos de chuviscos e respingos)/ cachoeiras, riachos, rios/ até encontrar o mar com seus mistérios/ eternos movimentos de ondas que anunciam/ outras viagens, como as ondas/ que nunca se repetem, nunca se revelam/ só para dizer em nossos livros/ que tudo isso ficará para sempre/ no fundo dos corações cristalinos/ a refletir-se por dentro do corpo/ por detrás das retinas/ (impossível ser escrito numa só vida )

relâmpagos na noite, repentinos dias/ trovões das vozes do mundo/ e os raios sobre a mataria/ desenham índios entre as folhas/ zombando das calmarias/ que a guanabara guarda entre os granitos

revoada de borboletas azuis/ sobre as

folhas secas/que os pés das tribos repisaram nas trilhas/ e o estrondo do arcabuz espantou/ para sempre/ porque o medo veio se alojar nos arvoredos/ nas pedras e caniços vergadiços/ que a brisa ainda balanceia

tempestades, aguaceiros, cabeças-d'água, cachoeiras cheias/ de lendas, causos, histórias de amor e ódio/ sangue nas ribanceiras/ sobre as verdes folhas das palmeiras/ onças, lindas, ondulantes, patudas espreitadeiras/ de olhos mimetizados nas tramas trepadeiras/ fisgavam capivaras ingênuas, mansas/ como as primeiras tribos/ porque as derradeiras sofreram, penaram, morreram/ como os caititus, as antas, os macacos/ as cobras espreguicadeiras/

como os tupis e guaranis/ da confederação dos tamoios/ chegaram os predadores/ pedras e dores/ e os jesuítas com a cruz e a pólvora/ a peste e a profana ceia

prateia a umbaúba sob o sol do meio dia/ abrigo de bandos de verdes periquitos/ em dueto com a chuva multicolorida das saíras/ tantos e tantos passarinhos que passaram/ onde hoje é o refúgio de suas almas/ e dos tico-ticos

papagaio do peito roxo/ onde foste esconder seu bico?/ nas sumaúmas gigantes/ nos cedros, nas sucupiras?/ no meio das mil flores aquarelas/ azuis, vermelhas, amarelas/ pontudas, estreladas, chuviscadas/ redondas, esgarçadas

água branca nos galhos secos/ da árvore mais alta/ voa e some/ no disco aceso do sol

veio a neblina e uma explosão de nuvens/

sobre o coração da mata/ os urubus em silêncio/  
os tucanos predadores de ninhos/ calados/ uma  
paineira cheia de garças brancas./ passa um  
avião/ fogos de artifício de balões incendiários/  
românticos bólidos de fogo/ a passarinhada se  
assanha/ e some na ramagem

sagüis se agarram/ nas galhadas mais  
folhudas/ com seus filhos, pedem clemência/  
chuva grossa, pingos graúdos/ enchem de novo  
as cascatas/ que vão cantando pedreira abaixo/  
hinos e arrulhos, choros e valsas/ (ainda há  
melodia nestas matas)

se pararem de construir/ por dez anos/ a  
cidade cede/ a floresta se enraíza novamente/ e  
arrebenta ruas, prédios/ estádios, supermercados/  
ciclovias

tudo corre para o mar/ chove pelo ar/  
chora sobre o mar/ a luz dos raios/ o estrondo dos  
trovões/ o alimento dos peixes da fronteira/ as  
tainhas, os pitus, as manjubas/ paratis/ nos  
espelhos dos lagos/ os cardumes/ o mar/ com  
seus peixes de prata/ os grandes peixes milenares/  
as tartarugas gigantes/ o nosso olhar distante/  
procurando áfricas e ilhas

doce e sal/ navios barcos piratas/ doce sal/  
na carne dos peixes/ sal e doce/ mangues e marés/  
peixe voador/ borboleta marítima/ salgada de sol/  
ondas nas pedreiras/ esbranquiçadas de sal/ que  
a chuva lava/ adoça/ e o mar salga/ salva/  
docemente/ e/ violenta/ com doçura/ inventa/ a  
nuvem salgada/ o vapor/ que volta/ sobre a mata/  
salgada maresia/ adocicado sereno/ doce e sal/  
das alvoradas/ sinuosas/ nas montanhas verdes/  
nas ilhas cinzas.,

Em toda palavra tem imagem. Mas a imagem  
não é tudo. Nem em tudo tem palavra. O que será  
do mudo? Em toda palavra tem um som. O que será  
o som ao surdo? A palavra é tato ou som ao cego e  
ao mudo. Do olfato da palavra não duvido. A  
palavra tem ouvido. A imagem na palavra faz  
sentido. Como a voz retida no signo. A retina lê  
outros sentidos que a palavra-imagem anima. A  
poética não está só na palavra. O poema processo  
dela é livre. Mas o concreto nela se estigmatiza. O  
poema-imagem está na vida que o olhar decifra. Entre  
a palavra e a imagem não há uma linha limítrofe que  
a semiótica decodifique. Uma imagem não fala por  
mil palavras e o inverso também é verossímil. Nada  
disso se define com palavras ou imagens. O poema  
imágico não tem limites. O poema-objeto é mais que  
inter-signo. É também o que se associa, o que para o  
poeta é um vício. Vasculhar o infinito de uma galáxia  
de detritos para encontrar sentido em prosseguir o  
seu ofício.

Constrói-se a obra que se faz com o título.  
Configura-se o título quando a imagem o torna  
explícito. Resgata-se o código oculto no eclipse  
onde se exprime a imagem que a palavra excita.  
No poema onde a estrutura se exercita, articula-se  
a forma construtiva. No poema espontâneo do  
improviso psicografa-se o imprevisto. Descontrói-se  
o óbvio quando a ruptura se livra do delito. Soneto-  
concreto-processo-objeto, a palavra-imagem é apenas  
o veículo do poema ( texto, fragmento, figura, gesto,  
pó ou cor volátil). Nas linguagens limítrofes  
coexistem quase-cinema, quase-foto, quase-pintura,  
quase-teatro. Não existe quase-poema. O poema  
afina e desafina a melodia. Se alia à poesia onde a  
imagem se anistia. Em sua órbita imponderável não  
se alinha a um destino. Surge de um ponto da  
paisagem vazia e se aninha na

própria forma que lhe deu origem. Nele, em toda sua absoluta liberdade, fica o não dito pelo dito, onde o ponto final não significa limite, nem existe

## **URUCUM FUMAÇA**

(Escrito para as crianças de Paraíba do Sul)  
Novembro de 1978

Num dia de sol a pique  
com o mar batendo no dique  
do porto da praça quinze  
debaixo das castanheiras  
toparam Urucum e Fumaça  
dois poetas repentistas  
de parecidas maneiras

Urucum estava tranquilo  
olhando para Niterói  
e com uma caneta bic  
escrevia como dói  
viajar na cantareira  
depois que o trabalho rói

Fumaça chegou devagar  
com olhos de curió  
fixados no fundo do mar  
e num relance descobre  
Urucum buscando rimar  
como quem rema um barco  
ora com o remo n'água  
ora com o remo no ar.

Fumaça não aguentando  
vontade de versejar  
foi logo desafiando  
o poeta Urucum Lagomar:

F  
Seu poeta me desculpe  
esta minha intromissão  
acontece que o mar esculpe  
em minha rotina um trovão  
que é trova repentina  
fervendo em minha visão  
vendo você escrevendo  
tenho coceira na língua  
e como não tenho caneta  
para escrever um quadrão  
pergunto se você pode  
não ser poeta, escrivão  
e levar comigo um repente  
deixando correr a emoção

U  
com todo o prazer abandono  
a caneta sobre o banco.  
o repente também permite  
botar o preto no branco

F  
há muito tempo procuro  
botar o claro no escuro  
sobre a arte da palavra  
que no repente se crava.  
já fui muito criticado  
por ter trocado e quebrado  
a rima e a estrutura  
do nosso cordel consagrado.

U  
não se entregue derrotado  
há cordel de todo o jeito  
mas sempre aparece um letrado  
para descobrir um defeito  
já estou acostumado

a escrever amarrotado  
o que explode no peito.

F  
todo homem é poeta  
todo poeta é artista  
não importa se o verso  
dói no fundo da vista.  
pela lei do universo  
todo poema é perfeito  
não existe modelista  
que possa impor à palavra  
forma perfeccionista.

U  
a poesia é também  
uma forma de ver  
não é preciso escrever  
nem é necessário rima  
pra que possa acontecer.

a métrica existe em tudo  
o ritmo, é só perceber.  
às vezes a rima rígida  
ao invés de enriquecer  
a ponta do verso encrava  
tornando a palavra escrava  
de uma forma de escrever.  
a poesia, para o homem  
é uma forma de ser  
e não existe só nele  
pois está até num ponto  
que ele não consegue ver.

F  
se gosto de fazer rima  
aproveito a inspiração

combinando repentino  
um raio, um traço, um trovão,  
é pra descobrir o segredo  
atrás de cada brinquedo  
esquecido na memória  
no meio da escuridão.

U  
a poesia admite  
toda forma de construção  
há poesia concreta  
processo, repente e quadrão.  
até na linha de fronteira,  
citando Wally Salomão  
varia muito a solução:  
você pode tirar um verso  
com tinta, colagem e carvão,  
pode quebrar as palavras  
criar a rima com fotos  
recortadas num jornal  
todo recurso se usa  
pra dar tom ao visual.  
há poesia sonora,  
falada, gravada, cantada,  
cremosa, picante, atonal,  
há poesia cruzada  
nas linhas de sua mão  
há poesia na pedra  
no lodo que nela medra  
na água, no ar, no fogo, no chão.

F  
a poesia é um disco  
atravessando o universo.  
é um peixe no rio  
a palavra no verso



U  
é o canto dos Trumai  
sem estilo literário  
é pedra que o operário  
quebra pelo salário  
porta por onde passo  
saída, se não aguento,  
é dia frio e cinzento  
cavalo de quatro asas  
voando em câmara-lenta  
a poesia,  
qualquer um inventa.  
é tiro no escuro  
palavra pixada no muro, juro  
a poesia é o exercício da liberdade  
(antes cedo do que tarde)

F  
a poesia é tudo aquilo  
que me faz ser um ser vivo  
buscando ser um ser livre  
pra não ser mais um cativo.  
do contrário não me iludo:  
o poeta não contempla  
as maravilhas do mundo  
tendo preso na garganta  
um verso engasgado e mudo

U  
a poesia é um reduto  
de coisas bem misturadas  
é um corpo inteiro, um busto,  
é uma trilha de pegadas  
são os ramos da samambaia  
tecendo um rabo de saia  
é uma pipa de seda  
num zigue-zague no ar  
é uma bola de gude

girando num patamar  
é o mergulho da gaivota  
pescando peixe no mar  
é o canto da araponga  
que canta por não voar  
é a liberdade do verso  
sem medo de errar.

F  
um catavento de pedra  
girando por um motor  
um papagaio de cera  
falando versos de amor  
um caracol de estrelas  
girando em volta do sol  
um sabonete de barro  
lavando um branco lençol  
um vagalume piscando  
na boca de um peixe-boi  
o vento da liberdade  
trazendo toda a verdade  
do que vai e do que foi

U  
o curupira cambeta  
soprando preta trombeta  
a caipora comendo  
um musgo sobre uma tora  
uma gravata voando  
sob o clarão da aurora  
um pintassilgo de fogo  
queimando sobre o cerrado  
um crocodilo pintado  
querendo comer um poste  
a quiromante pedindo  
que cuidem de sua sorte  
um orixá paranóico

no pára-raio da morte  
um cadilac de luxo  
num cardume de piranhas  
um astronauta e um bruxo  
disputando duas montanhas  
um prego comendo alpiste  
dentro de uma bacia  
uma estrela brilhando  
dentro de um lampião  
tudo isso só existe  
se a liberdade resiste  
em nossa imaginação

F  
se a liberdade resiste  
em nossa imaginação  
no universo sem limite  
cujo fundo é infinito  
na infinita escuridão  
tudo o que a gente sabe  
por ser infinito cabe  
nessa funda imensidão:  
um alicate de unhas  
mordendo um maçã  
um analista pirado  
falando com seu divã  
uma batalha de estrelas  
numa lâmina de gilete  
um batalhão de formigas  
atravessando um sorvete  
um valete de baralho  
no timão de uma corveta  
um olhar de onça pintada  
nas asas da borboleta

a poesia é minha asa  
vermelha como brasa

em noites desesperadas  
leve como uma pena  
como uma nuvem serena  
quando é clara madrugada

U  
vivo com elas nas ruas  
debaixo de quatro luas  
rolo com ela na areia  
viro um camaleão  
no corpo de uma sereia

F  
comigo bebe cachaça  
esquenta a alma penada  
que sai pelas narinas  
girando um véu de fumaça

U  
Sou da tribo nhambiquara  
onde vida e poesia  
nenhum caminho separa

F  
já conheci muita terra  
vestido de pau-de-arara

U  
girei o globo da morte  
pintei a cara de preto  
pulei por cima dos muros  
num pinote suicida  
deixei meu beijo num poste  
no meio de uma avenida

F  
perdi emprego e salário  
rompi o negro portão

que separava meu corpo  
da alma da multidão  
mudei de rumo e de tema  
como muda de cor  
o verde camaleão  
minha sorte não procuro  
sou como um tiro de fé  
lançado dentro do escuro

U  
eu sou um você é outro  
somos um em dois retratos  
tenho meu ponto de apoio  
na luz que brilha no espaço  
perto do meu alcance  
longe do meu abraço

.....  
neste momento um apito  
cortou o céu e o mar  
Fumaça olhou pro infinito  
e vendo a noite chegar  
estendeu a mão satisfeito  
ao poeta Urucum Lagomar

F  
tem a noite pela frente  
é preciso navegar  
tem Suzana e Madalena  
me esperando no bar  
tem o morro do cubango  
pegando fogo ao luar  
agradeço esta palestra  
tá na hora de embarcar

U  
vou ficando um pouco mais  
aqui olhando o mar

esperando o movimento  
da multidão se acalmar  
eu também te agradeço  
pelo fato de criar  
na liberdade do verso  
o ato de conversar

.....

I  
Fumaça atravessou a praça  
em direção à estação  
ultrapassou a roleta  
se misturou na multidão  
que avançou sobre a barca  
quando abriram o portão.

no meio daquelas caras  
iguais no mesmo destino  
diferentes na direção  
Fumaça cumpria as palavras  
transformado em camaleão

Urucum Lagomar ficou lá  
com os olhos na Guanabara  
vendo a lancha indo embora  
ficando pequena no mar

a noite veio chegando  
com as luzes da cidade  
que são as primeiras estrelas  
que começam a brilhar  
seu corpo foi se apagando  
se misturando ao escuro  
camaleão viajando o futuro  
vestido com a cor do ar.

Xico Chaves  
Novembro de 1978